

5 Narrativizando o processo da pesquisa

Estamos, quando descrevemos os usos de símbolos, descrevendo percepções, sentimentos, pontos de vista, experiências? E em que sentido? O que alegamos quando afirmamos que entendemos as formas semióticas pelas quais, neste caso, pessoas são definidas umas pelas outras? Que conhecemos palavras ou que conhecemos as mentes?⁹

(Geertz, 1983, p. 69)

Neste capítulo, busco trazer as notas etnográficas, a partir da pesquisa com participação densa, que complementam e enriquecem as descrições do contexto, dos participantes e das escolhas metodológicas apresentadas no capítulo anterior.

Procurando observar as orientações metodológicas, apresento notas etnográficas sobre o Instituto, as agentes, a região de Vila Rosário e os moradores. Essas notas representam um material relevante, que contribuirá para as reflexões sobre os resultados das análises.

Para finalizar, a seção sobre a composição do corpus de análise descreverá o processo de geração, seleção e o tratamento dos dados.

5.1. Sobre o Instituto e as agentes de saúde

A sede do Instituto Vila Rosário fica em uma casa de quatro cômodos e um banheiro, no bairro de Vila Rosário. Quando iniciei a pesquisa, a casa estava passando por uma reforma, para acomodar melhor os projetos que vem sendo implementados desde a aquisição da nova sede.

Fui informada que, antes da aquisição da casa-sede, as agentes e a direção do Instituto utilizavam as instalações de um ambulatório próximo, mantido pela Igreja Católica. Após algum tempo, houve o desligamento do IVR do ambulatório

⁹ “Are we, in describing symbol uses, describing perceptions, sentiments, outlooks, experiences? And in what sense? What do we claim when we claim that we understand the semiotic meanings by which, in this case, persons are defined to one another? That we know words or that we know minds?”

e as reuniões e encontros da equipe do IVR passaram a acontecer em uma praça da localidade, até a instalação na sede. Mesmo com todos os contratemplos causados pela falta de um espaço físico permanente, as reuniões de trabalho aconteciam semanalmente e continuam até hoje.

As reuniões de trabalho são geralmente dirigidas pelo diretor do Instituto e acontecem todas as quartas-feiras, na parte da manhã ou da tarde. As reuniões são obrigatórias para as agentes de saúde e para a secretária do Instituto, e contam com a participação regular de membros da coordenação e direção do Instituto e também de convidados.

Participei de reuniões e atividades do IVR desde junho de 2009 até o final de 2010. Foi-me permitido fazer gravações em áudio (mp3) da maioria das reuniões em que estive presente. No entanto, optei por não utilizar meu gravador em algumas ocasiões, pois outra pesquisadora já estaria gravando. Outras reuniões contaram com colaboradores externos ou convidados, que não estavam cientes da pesquisa. Assim, decidi não gravar as interações quando havia pessoas fora da rotina do Instituto, no intuito de não causar estranhamento ou constrangimento.

Cabe explicar que a dinâmica do Instituto e, portanto, das reuniões podem ser separadas em duas etapas: a primeira, que diz respeito ao ano de 2009, antes do final das obras de reforma e das implementações de novas atividades; e a segunda, que se iniciou no ano de 2010, com uma série de mudanças e novidades.

Observei, especialmente no ano de 2009, que as reuniões centravam-se no acompanhamento dos monitoramentos e dos alertas de tuberculose de cada agente. Estas reuniões caracterizam-se por finalidades e objetivos fluidos. Durante as reuniões observadas, não houve menção aos participantes de pautas ou finalidades específicas para os encontros (com exceção da última reunião do ano de 2009 cujo objetivo foi a apresentação do novo programa gestor das atividades do Instituto e a festa de confraternização). Desta forma, as reuniões contavam principalmente com relatos dos ‘casos’ das agentes e de orientações por parte do diretor. As reuniões eram, também, o momento para as agentes entregarem fichas cadastrais dos assistidos e os relatórios das visitas.

À medida que minha participação e das pesquisadoras da PUC-Rio se intensificaram, as reuniões passaram a assumir novas dinâmicas. Como o Instituto também passava por uma série de reformulações, que contavam com a reforma da sede, implementação de cursos para as agentes e moradores, atividades extras e

outras novidades, estes outros assuntos passaram a fazer parte da pauta das reuniões. Pude perceber que, à medida que as agentes se familiarizam mais conosco e com os projetos de pesquisa da PUC-Rio, a postura delas também mudou. Embora as agentes não pudessem entender os objetivos específicos de cada uma das pesquisas, elas compreendiam, grosso modo, que se tratavam de investigações sobre linguagem/comunicação e que elas eram parte destas pesquisas, logo concluíram que estavam sob algum tipo de observação. Do mesmo modo, com o passar do tempo e com maior compreensão sobre os trabalhos de pesquisa em andamento, o diretor do Instituto também modificou sua postura.

Neste sentido, as primeiras reuniões de que participei, cuja dinâmica orientava-se principalmente pelas instruções e relatos, deram lugar a novas organizações interacionais. As agentes começaram a trazer informações mais específicas, voltadas ao que interpretavam como relevante para as pesquisas, conduzindo também suas narrativas e relatos no sentido de contribuir com nossos trabalhos. Da mesma forma, o diretor passou a fazer menções sobre as pesquisas vinculadas a PUC-Rio, por vezes procurando relacioná-las diretamente à atuação das agentes na busca de aplicações mais imediatas a questões que surgiam sobre sua prática diária.

Como um dos objetivos das pesquisas buscava compreender o que acontecia no contexto de reuniões de trabalho do Instituto e, no meu caso, analisar as narrativas que emergiam durante as reuniões, penso que a ‘contaminação’ das informações trazidas por nós, pesquisadoras, modificou o contexto situacional a ponto de termos que considerar as análises destes momentos pós-PUC como outra etapa de pesquisa para as análises no Instituto.

O ano de 2010, além de trazer novas dinâmicas para as reuniões, também trouxe novidades para o cotidiano da sede e para as agentes de saúde. Antes da reforma, a sede servia principalmente como local para os encontros e reuniões entre as agentes e a direção e coordenação do Instituto. Após a reforma, o Instituto ganhou mais espaço para armazenamento de material, uma sala para aulas, com computador e projetor, um televisor e DVD, uma biblioteca para ser usada por todos da comunidade, e uma cozinha funcional para aulas de nutrição e preparação de lanches para as atividades, entre outras coisas. A reforma física trouxe outras novidades: cursos para as agentes e moradores, acompanhamento

escolar e recreação para as crianças da comunidade, palestras sobre saúde e nutrição, ministradas pelas agentes de saúde aos moradores, e outras atividades para os moradores, que já foram descritas no capítulo 4. O instituto também passou a ficar aberto diariamente para receber as pessoas que queiram usar a biblioteca e tirar dúvidas sobre a tuberculose, como já informado.

Com as novidades, o cotidiano das agentes também sofreu mudanças. Antes, seu trabalho consistia em fazer a busca ativa e monitorar os sintomáticos, como já informado. A partir das novas atividades, as agentes passaram a ter que ir com mais frequência à sede, para os cursos oferecidos a elas e para realizar as palestras para os moradores. Além dessas novas atribuições, foi feita uma escala de serviço e, a cada dia, uma agente deve ficar de plantão na sede, com a secretária, pela parte da manhã ou da tarde, para atender as pessoas que procurem o Instituto. Nos dias de recreação e palestras, elas também ficam responsáveis por preparar o lanche que será oferecido. Esclareço que a preparação de lanches faz parte da Oficina do Alimento e da Saúde, que acontece todas as últimas sextas feiras de cada mês, onde as agentes ensinam como preparar lanches, com alto valor nutritivo, usando alimentos baratos ou aproveitando partes de alimentos que são costumeiramente descartadas. As agentes também devem agendar palestras em outros lugares, como associações de moradores, igrejas, sindicatos, são as Oficinas Educativas Sobre Tuberculose, que servem para divulgar seu trabalho e os cuidados em relação à tuberculose. Por conseguinte, estas novas atividades reduzem significativamente o tempo para a busca ativa e monitoramento, segundo as agentes.

Em relação à formação, as agentes comunitárias de saúde do Instituto Vila Rosário não têm ligação com os ACS do governo, elas são funcionárias do IVR através da Fundação Ataulpho de Paiva. Neste sentido, elas não passaram por uma formação como os ACS. Fui informada que apenas três das agentes possuem um curso de formação de agentes comunitárias de saúde, realizado através da igreja católica local antes de fazerem parte da equipe do Instituto. Não há um treinamento formal para as agentes por parte do IVR. Por isso, quando elas começam a trabalhar, elas passam um período acompanhando uma agente mais antiga por um determinado período de tempo (segundo as agentes, por cerca de um ou dois meses), para “aprender como fazer o trabalho”, e depois assumem uma área de atuação própria.

Todas as agentes possuem orientações religiosas declaradas e quase todas participam de atividades em suas igrejas/congregações. Algumas já trabalharam como voluntárias nas Pastorais da igreja católica e nos programas de ajuda aos necessitados de outras congregações, portanto, já tinham algum tipo de experiência em participação popular. Esta informação confere com a pesquisa de Rolim (2009) sobre os ACS do PSF em Duque de Caxias, informada no capítulo 2.

Outro dado significativo revela que as agentes são bem conhecidas pelos moradores, mas nem sempre são identificadas como agentes de saúde e a maioria dos moradores não sabia da existência do Instituto Vila Rosário. Muitos moradores pensavam que as agentes eram voluntárias da igreja ou trabalhavam para o governo, ou para o posto de saúde, outros a confundiam com os ACS do Programa de Saúde da Família.

Esta situação, no entanto, está se modificando em virtude das novas implementações. Agora, todas as agentes possuem camisetas e bolsas que as identificam e também receberam material de divulgação e informação sobre os cuidados em relação à tuberculose, em forma de panfletos, cartazes e livretos. Assim, as camisetas, bolsas e materiais estão contribuindo para a criação da identidade de agentes comunitárias de saúde do Instituto Vila Rosário.

5.2.

Sobre os moradores e a comunidade de Vila Rosário

A Grande Vila Rosário é composta por várias localidades (ver item 4.1.). Estes bairros, por fazerem parte de um município da Baixada Fluminense, são sempre reconhecidos como comunidades carentes. No entanto, o estigma que a expressão comunidade carente carrega costuma relacionar estes lugares à pobreza e à ausência do poder público.

Embora seja possível identificar visualmente a pobreza, pois ainda há pessoas que vivem em condições precárias e em bolsões de miséria, a maioria dos moradores de Vila Rosário que tive a oportunidade de conhecer não se considera pobre.

Conheci algumas das localidades ao acompanhar as agentes em visitas a moradores. A maioria das casas que visitei são casas simples, mas com muitos dos

confortos da vida moderna. Apenas três famílias, com as quais tive contato, vivem em condição de pobreza extrema e precisam, declaradamente, da ajuda de programas assistencialistas. As áreas mais pobres, que pude observar, onde se concentram o maior número de habitações precárias, estão localizadas à margem do rio Sarapuí e nos morros das localidades.

Contudo, há precariedade ou ausência de serviços essenciais, como hospitais, clínicas médicas, bancos, boas escolas, cursos, espaços culturais e de entretenimento etc. Há sempre a necessidade de deslocamento até o centro de Caxias e a outros municípios para se ter acesso a esses serviços.

As agentes possuem um mapa que indica sua área de atuação. É através desse mapa que o Instituto distribui uma determinada área a cada agente, observando o número de ruas e moradias a serem cobertos. Outro ponto a destacar, portanto, é o aumento irregular do número de moradias na região nos últimos anos, que contribui para a criação de novas vielas, passagens e ruas não existentes ainda nos mapas das áreas de atuação das agentes. Esse aumento irregular e não contabilizado pelo Instituto amplia o número real de casas e moradores que devem ser visitados pelas agentes. Isto acarreta em um desequilíbrio entre o número de ruas e residências que cada agente deve cobrir e também aumenta o tempo para se realizar a busca ativa e o monitoramento de casos.

5.3.

Sobre minha participação na pesquisa e no Instituto

Minha participação na pesquisa foi iniciada a partir do convite feito pelo diretor do Instituto para pesquisar problemas de comunicação entre o Instituto e a comunidade, pois, segundo o diretor, a incidência de casos de tuberculose na região poderia estar associada a um não-entendimento da importância do tratamento por parte dos moradores.

Nas primeiras reuniões do IVR, mantive uma postura mais observadora, mas, depois dos primeiros contatos, assumi um posicionamento de participante ativa, interagindo com a equipe, sendo solicitada a dar opiniões, sugestões, relatar experiências pessoais etc. A recepção e minha integração à equipe do IVR

aconteceu, portanto, de forma progressiva durante o ano de 2009 e propiciou relações mais próximas com as agentes.

Ministrei um curso de curta duração, a Oficina de Leitura, nos meses de abril e maio de 2010. Esse curso foi um convite da direção do Instituto e fez parte do programa de cursos da Escola de Formação de Agentes para a Saúde da Comunidade, iniciativa implementada pela coordenação do Instituto com vistas a uma complementação socioeducativa para as agentes de saúde. A Oficina propiciou oportunidades de discussões e permitiu que as agentes e eu nos conhecêssemos melhor, além do contexto de reunião de trabalho e das questões que envolvem diretamente a tuberculose.

A partir de junho de 2010, comecei a acompanhar as agentes Dulcinéia e Madalena em suas visitas aos moradores. Solicitei também a agente Leila que fizesse gravações de algumas de suas primeiras visitas (as visitas de busca ativa) sem a minha presença. A escolha pela agente Leila para as gravações se deu por razões práticas, pois a agente possuía um gravador de mp3, não sendo necessário deixar meu gravador com ela, o que me impediria de fazer minhas próprias gravações. A decisão de acompanhar as agentes Dulcinéia e Madalena, por sua vez, surgiu a partir de meu pedido por voluntárias que se disponibilizassem a me deixar acompanhá-las. Ambas as agentes se ofereceram prontamente para a tarefa e não havia, de minha parte, nenhum tipo de preferência por uma agente ou uma área específica. As outras pesquisadoras da PUC-Rio também acompanharam outras agentes durante o mesmo ano.

Em uma das reuniões no Instituto, foi discutida a forma como se daria nossa inserção na comunidade e como as agentes iriam nos apresentar aos moradores. Uma das sugestões era que fôssemos apresentadas como membros do Instituto, que estariam fazendo um trabalho junto às agentes, mas não ficou claro como seríamos nomeadas.

Durante o período em que acompanhei Dulcinéia e Madalena nas visitas, pude conhecer muitos moradores, assistidos ou não pelo programa de combate à tuberculose e deixei que as agentes ficassem à vontade para decidir como me apresentariam, pois como conhecem melhor as pessoas e a região, elas saberiam como fazê-lo de forma mais confortável para todos. Desta forma, fui apresentada primeiramente como ‘colega de trabalho’ e, em algumas situações, elas esclareciam mais especificamente minha participação no Instituto, informando

minha vinculação com a PUC-Rio. Mesmo assim, pude perceber que minha presença não era muito clara para os moradores, mas, como já comentei, nem mesmo a função e o trabalho das próprias agentes era reconhecido corretamente por eles.

Meu trabalho de pesquisa em Vila Rosário contou, portanto, com duas etapas distintas: a participação no Instituto Vila Rosário e o acompanhamento das agentes em suas visitas. Ambas as etapas consistiram, principalmente, de gravações em áudio das reuniões e das visitas aos moradores, de notas de campo e das conversas informais com as agentes e moradores, e de observação participante.

Todo este processo de geração de dados contribuiu para um aprofundamento das reflexões teórico-metodológicas que norteiam esta pesquisa, e também contribui para observações práticas que estão sendo retornadas ao Instituto, no intuito de criar inteligibilidade sobre os moradores e o trabalho de educação e combate à tuberculose.

5.4. Sobre a composição do *corpus* de análise

Para a geração dos dados busquei, em um primeiro momento, fazer um levantamento bibliográfico da literatura sobre agentes comunitárias de saúde, tuberculose e comunidades carentes. Também pesquisei os sites governamentais e institucionais para levantamento dos dados estatísticos, geográficos, de saúde e socioeconômicos sobre o município de Duque de Caxias. Após meu contato direto com o Instituto e as agentes, a geração dos dados também contou com as gravações em áudio, as notas de campo e as conversas informais com as agentes e os moradores.

Como grande parte dos dados se caracteriza pelas gravações em áudio, houve a necessidade de aprovação da pesquisa pela Comissão de Ética da PUC-Rio. Todos os participantes da pesquisa foram solicitados a assinar o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, autorizando a divulgação dos dados. O termo garante o sigilo e anonimato dos participantes e esclarece a participação voluntária de cada participante.

5.4.1. Geração dos dados no Instituto Vila Rosário

A geração de dados no Instituto deu-se, em sua grande maioria, durante minha participação nas reuniões semanais de trabalho e contaram com observação participante, gravações de áudio em mp3 e notas de campo. Além das reuniões, também observei outras atividades, tais como palestras e oficinas ministradas pelas agentes de saúde, aulas do programa de Formação de Agentes para a Saúde da Comunidade e confraternização de fim de ano. Dados também foram gerados a partir de informações do software Programa GESTÃO QTROP-VR e da literatura publicada sobre Vila Rosário.

As primeiras gravações não foram realizadas nas primeiras vezes em que participei das reuniões, pois precisávamos aguardar a ciência do Comitê de Ética da PUC-Rio. Assim, somente a partir da quarta reunião, comecei as gravações, após a autorização dos participantes.

Cabe ressaltar que todas as pesquisadoras da PUC-Rio vinculadas às pesquisadas junto ao Instituto fizeram gravações, e todas as gravações compõem *corpora* maior de que aquele com os dados obtidos somente por mim. Assim, há gravações feitas em ocasiões em que todas as pesquisadoras estiveram presentes a um mesmo evento ou ocasiões em que cada pesquisadora realizou gravações individuais. No entanto, todas as gravações estão vinculadas aos dois projetos da PUC-Rio sobre Vila Rosário citados na Introdução.

Os dados gerados somente por mim totalizam 8 gravações de reuniões e eventos no Instituto, com duração de mais de 2 horas cada, dos quais selecionei a gravação da reunião do dia 07 de outubro de 2009, para a primeira parte de análise deste trabalho. Estavam presentes a esta reunião todas as sete agentes comunitárias de saúde, a secretária e o diretor do Instituto, e, além de mim, mais uma pesquisadora da PUC-Rio, a Profa. Dra. Clarissa Bastos.

A escolha por usar os dados da gravação do dia 07 de outubro levou em conta o que já foi discutido nesse capítulo sobre a interferência causada por nossa presença no Instituto. Neste sentido, esta reunião fez parte do início de nossas gravações e apresentou um caráter menos ‘contaminado’ e mais próximo das primeiras reuniões que participei e não foram gravadas por mim. O objetivo foi, portanto, usar gravações de uma reunião cuja dinâmica se aproximasse mais a de

reuniões anteriores a nossa participação. Contudo, reconheço que, mesmo com esta justificativa em mente, nossa presença, desde o primeiro contato, já havia causado modificações no contexto das reuniões.

Em relação aos procedimentos éticos, os nomes reais das agentes e da secretária do Instituto foram mantidos nas transcrições e análises a pedido das mesmas. Os nomes de todos os outros participantes, membros do Instituto ou convidados e visitantes, foram substituídos por nomes fictícios para preservar seu anonimato.

5.4.3. Geração dos dados nas visitas aos moradores

Enquanto os nomes das agentes de saúde foram mantidos, todos os nomes dos moradores são fictícios. Da mesma forma, não faço menção explícita aos lugares específicos dentro da Grande Vila Rosário em que se localizam suas residências. Esta decisão foi tomada para preservar todo o anonimato dos moradores que se prontificaram a participar da pesquisa.

Em relação aos moradores participantes, as agentes foram orientadas, pela direção do Instituto, a apresentar somente aqueles moradores já curados ou não mais em estágios de transmissão da doença. Desta forma, a escolha dos moradores ficou sob a responsabilidade das agentes e foram elas que também selecionaram moradores cujo resultado dos exames não apresentou tuberculose.

A geração de dados contou com a gravação em áudio, em mp3, nas visitas. No entanto, as gravações não foram iniciadas no instante em que entrávamos na casa dos moradores. Após as apresentações, iniciávamos alguma conversa e eu procurava explicar minha presença e o objetivo geral das gravações, assim como solicitava a autorização para uso dos dados e apresentava o termo de permissão para ser assinado. Após alguns minutos, a permissão para começar a gravação era solicitada. Assim, as gravações foram iniciadas no decorrer das interações com os moradores. Por isso, algumas informações que utilizo na análise não se encontram gravadas, por terem sido geradas antes de se ligar o gravador. Entretanto, estas informações são importantes, pois colaboram para contextualizar as interações e apresentar os participantes, assim como para as reflexões e considerações finais.

Os dados das visitas aos moradores geraram um total de 15 gravações com durações diversas. Selecionei fragmentos de três visitas distintas: a primeira gravação foi realizada durante a visita à Adélia, uma jovem mãe, desempregada; a segunda foi durante uma visita à família de Serginho, gravação da qual sua mãe também participou ativamente; e a terceira foi realizada durante a visita à D. Noemi, cuja filha havia falecido há apenas dois meses antes da gravação.

A seleção dos dados gerados durante as visitas levou em conta diferentes tipos de condição econômica (Adélia está desempregada, Serginho é aposentado e ainda trabalha, e D. Noemi é dona de um pequeno comércio) e a relação com a tuberculose (problemas e falta de acesso ao tratamento, caso de Adélia; todo o processo de descoberta, tratamento e cura, de Serginho; e alguém que não apresentou tuberculose, em D. Noemi).

Apresento, a seguir, uma tabela descritiva sobre os participantes selecionados para este trabalho, cujos dados compõem o *corpus* desta análise.

Tabela 1: Descrição dos moradores participantes

Nome	Idade	Moradia / família	Situação de emprego	Relação com a tuberculose
Adélia	26	Vive em uma casa muito humilde e pequena, na subida de um dos morros da grande Vila Rosário. Há pelo menos 5 pessoas vivendo na casa (ela e quatro de seus cinco filhos)	Está desempregada. Sobrevive com ajuda de familiares e vizinhos, e com a renda do bolsa família.	Teve tuberculose aos quinze anos, mas foi tratada como uma pneumonia, o que agravou o caso, causando a perda de um dos pulmões. Foi internada para tratamento em no HRPS, em Curicica, Jacarepaguá, mas abandonou o tratamento por dificuldades financeiras. Estava sintomática respiratória, mas não consegue acesso ao tratamento.
Serginho	32	Mora em uma casa simples, porém ampla,	É aposentado em virtude de um acidente, mas	Teve tuberculose aos 26 anos e cumpriu todo o

		de dois andares, em uma viela íngreme que une duas ruas principais. Vive com sua mãe, esposa e filho.	ainda trabalha informalmente todos os dias.	tratamento. Ainda está cadastrado no programa do Instituto para revisões.
D. Noemi	Não informado	Mora em um apartamento amplo, no andar de cima de seu pequeno negócio, um bar. Vive com sua filha mais nova.	Microempresária, dona de um pequeno bar.	Não teve tuberculose, mas a filha mais velha apresentou sintomas, com diagnóstico negativo para TB. Sua filha mais velha faleceu dois meses antes da visita, por causas ainda desconhecidas.

Após a descrição da geração dos dados e a seleção daqueles que farão parte do corpus de análise, apresentarei como será realizado o tratamento desses dados.

5.5. Sobre os procedimentos de análise

A geração de dados contou com duas etapas distintas, como informado: os dados gerados no Instituto e aqueles gerados durante as visitas. Neste sentido, decidi trabalhar com dois capítulos de análise, que correspondem às duas etapas da geração dos dados: Capítulo 6 - As narrativas das agentes nas reuniões de trabalho e Capítulo 7 - As narrativas dos moradores durante as visitas. Para cada capítulo há duas seções principais de análise: a análise das narrativas e a análise das construções identitárias.

Os capítulos apresentam a análise das transcrições dos fragmentos selecionados. Contudo, os outros dados gerados, especialmente as notas de campo e conversas não gravadas, servem tanto para a reflexão da análise quanto para ajudar a compor o contexto situacional.

Por se tratar de material de gravação extenso e tendo em vista o tempo reduzido para transcrevê-lo na íntegra, as gravações foram primeiramente ouvidas para a elaboração de roteiros de cada um dos eventos (Erickson e Schultz [1981] 2002). Após esta primeira escuta, outras se seguiram para a escolha dos

fragmentos em que as narrativas emergiam. Assim, os dados em áudio dos fragmentos escolhidos foram transcritos de acordo com as convenções orientadas pela Análise da Conversa (Atkinson and Heritage, 1984).

5.5.1. Organização das narrativas para a análise

Ambos os capítulos de análise (do Instituto e das visitas) seguem a mesma divisão organizacional: uma primeira seção com foco nas narrativas e a segunda tratando das construções identitárias e agência.

A primeira seção do capítulo 6 está dividida em três subseções que correspondem às narrativas de uma determinada agente: na 1ª subseção temos as narrativas da agente Leila; na 2ª subseção, as narrativas da agentes Clara; e a 3ª, as narrativas da agente Madalena.

Da mesma forma, a primeira seção do capítulo 7 se subdivide em três subseções, cada uma para um morador diferente, totalizando 3 moradores: as narrativas de Adélia, Serginho e D. Noemi.

As subseções são topicalizadas, remetendo ao tema mais proeminente do conjunto de narrativas analisadas de cada agente ou morador. Cada subseção apresenta análises de fragmentos distintos das narrativas selecionadas de cada narrador, numa sequência que segue a ordem linear das interações.

A segunda seção de cada capítulo trata das construções identitárias e agência. Esta seção subdivide-se em subitens que tratam das construções do *eu* e do *outro*, e a análise da agência nestas construções.

Desta forma temos o seguinte esquema para os capítulos de análise:

Tabela 2: Divisão das subseções de análise

Capítulo	Subseção	Título	Narrador principal	No. de fragmentos / excertos analisados
6	6.1.1.	Narrando o entendimento sobre o trabalho	Leila	3
6	6.1.2.	Narrando a realidade dos moradores	Clara	3
6	6.1.3.	Avaliando o trabalho através	Madalena	3

		das narrativas		
6	6.2.1.	Identities do 'eu' X 'o outro'	Leila e Madalena	3
6	6.2.2.	Construções do 'eu': agência através do fazer	Leila e Madalena	2
7	7.1.1.	Narrando as dificuldades para o tratamento	Adélia	3
7	7.1.2.	Narrando o processo de descoberta, tratamento e cura	Serginho	4
7	7.1.3.	Narrando a dor da perda	D. Noemi	3
7	7.2.1.	As identidades do 'outro'	Adélia e Serginho	4
7	7.2.2.	As identidades híbridas das agentes	Adélia e D. Noemi	3
7	7.2.3.	Projeções do 'eu': construções agentivas	Adélia, Serginho e D. Noemi	7

5.5.2. Análise das estruturas narrativas

A análise dos dados é orientada por duas abordagens principais: a análise da narrativa e análise dos enquadres interacionais.

As estruturas de cada narrativa são analisadas seguindo as nomenclaturas do esquema laboviano, embora nem sempre essas narrativas correspondam ao modelo canônico, por não apresentarem apenas sequências no passado, ou por não possuir um ponto explícito, por exemplo. No entanto, optei pela nomeação a partir dos componentes da narrativa laboviana no sentido de organizar as partes de cada narrativa analisada, facilitando a decomposição de sua forma estrutural para as discussões subsequentes. Um dos aspectos relevantes da utilização do modelo laboviano é a identificação do ponto narrativo, que enriquece a discussão das análises propostas nesta pesquisa.

A partir da organização estrutural é possível estabelecer, através de pistas de contextualização, as estruturas que possibilitam a criação de coerência ou de ausência de coerência (a partir da exposição da causalidade e continuidade, assim como dos sistemas de coerência utilizados por cada narrador).

As pistas de contextualização possibilitam também analisar as mudanças de *footing*, os alinhamentos e as mudanças de enquadre durante as interações. A análise dos enquadres é de grande importância para se compreender o processo interacional onde as narrativas emergem.

Em cada subseção, ao final de cada análise, apresento uma síntese do que foi analisado e as primeiras discussões. Estas discussões serão aprofundadas no capítulo das considerações finais.

5.5.3. Análise das construções identitárias

A análise das construções identitárias é realizada a partir de pronomes e nomes que funcionam como referentes das construções do eu e do outro. Além da análise dos referentes, são utilizadas análises de categorizações pelo uso de nomes. As análises dos referentes e das categorizações, aliadas às projeções identitárias, contribuem para a análise das construções das identidades pessoais, de grupo, profissionais e do outro nos excertos selecionados.

A análise da agência é feita pela observação de todas as categorias de análise propostas tanto para as estruturas narrativas, assim como para as construções identitárias.

Como na seção das estruturas, faço uma síntese do que foi analisado, ao final de cada subseção, apresentando as discussões iniciais que servirão para uma reflexão mais aprofundada no último capítulo deste trabalho.